

AMANHECER NA Rotunda

por
**José Sequeira Gonçalves
& João Espada**



**CENTENÁRIO
DA REPÚBLICA
1910 · 2010**

COMISSÃO NACIONAL
PARA AS COMEMORAÇÕES
DO CENTENÁRIO DA REPÚBLICA

Edição inserida no programa
das Comemorações do Centenário da República



Para os meus filhos
JOSÉ SEQUEIRA GONÇALVES

*Dedico este livro à minha irmã, esposa e afilhada.
E também a quem devo o que sou hoje...
aos meus queridos pais.*
JOÃO ESPADA



Prefácio



No âmbito da política de promoção e divulgação cultural da Autarquia de Loulé, o lançamento desta obra, que registo com grata satisfação, reveste-se de especial interesse, quer pela oportunidade da sua publicação do ponto de vista histórico, numa altura em que se comemoram os 100 anos de implantação da República em Portugal, quer pelo contributo louletano na mesma. Abordando a efeméride de forma romanceada, com uma narrativa dos factos incisiva e imparcial, a obra presta relevante contributo ao conhecimento deste importante “virar de página” da nossa história recente, e que, enriquecida pelas ilustrações, a tornam ainda mais abrangente e acessível a grupos etários diversificados.

Tomando por referência a figura do Almirante Mendes Cabeçadas, ilustre louletano e interveniente factual dos acontecimentos em duas revoluções marcantes, bem como, num

sentido mais figurativo, a cíclica e sempre “premonitória” visita do cometa Halley, saliente-se o modo como os episódios conducentes à implantação da República aqui são evocados através da criativa simbiose entre a ficção e a realidade. Eis pois, que sobressaem três grandes protagonistas: por um lado, as forças em confronto da Monarquia e dos revoltosos, e por outro o Povo, inevitavelmente dividido entre a tradição e a mudança.

Sublinhando desde já as minhas felicitações aos autores, José Sequeira Gonçalves e João Espada, ambos ligados a Loulé, este “Amanhecer na Rotunda” é obra que a Câmara Municipal de Loulé se orgulha de apoiar e que recomendo vivamente aos leitores em geral, tendo em conta que o conhecimento, sempre processual e incompleto, é justa homenagem às nossas memórias e identidade histórica e das formas mais completas de enriquecimento e valorização pessoal.

Para todos, o meu Bem Hajam, e boa leitura.

PRESIDENTE DA C. M. DE LOULÉ
Sebastião Francisco Seruca Emídio

Introdução



A implantação da República em Portugal, cujo centenário se comemora este ano, foi um processo que se arrastou por mais de três décadas, ao longo das quais a esperança e o desânimo foram alternando entre os seus promotores. No próprio dia da revolução de Outubro, esse mesmo desânimo levou o comandante militar do golpe a cometer suicídio muito antes do desfecho dos acontecimentos, por acreditar que o movimento redundaria em fracasso. Não seria o único contratempo com que os revoltosos iriam lidar nessa madrugada.

A ascensão da República ao poder assentou em quatro momentos-chave que marcaram indelevelmente os últimos reinados da dinastia de Bragança. As comemorações do Centenário de Luís de Camões (1880) são unanimemente aceites como o início da *republicanização* do país – ou parte dele. Depois, vieram o *ultimatum*

britânico (1890), a tentativa revolucionária do Porto (31 de Janeiro de 1891) e o regicídio (1908). Foi sobre estes pilares que o Partido Republicano Português, sempre com a Carbonária na sombra, construiu a sua força e preparou o golpe que iria ter início à uma hora da manhã do dia 4 de Outubro de 1910.

Ao longo de 1910, a revolução tornou-se uma obsessão para alguns dirigentes republicanos, com particular destaque para o almirante Cândido dos Reis e o panfletário João Chagas. Todas as ocasiões lhes pareciam boas para firmar o golpe mortal na Monarquia. Mas as hesitações iam sendo sempre cada vez mais fortes do que as certezas, e a revolução parecia cada vez mais um sonho adiado...

O povo de Lisboa, cidade onde decorre a acção deste livro, viria a participar activamente na revolta, dando ao movimento um carácter popular e garantindo o seu sucesso, apesar da desmobilização de quase todos os quartéis envolvidos no golpe. Sem o povo lisboeta, o 4 e o 5 de Outubro não teriam passado de mais uma tentativa fracassada para derrubar a Monarquia.

É um pouco de tudo isto que se pretende mostrar com a história que vos vamos contar. Uma história feita por pessoas que se tornaram famosas, umas, ou que permaneceram anónimas, outras. Lado a lado, naquele amanhecer da Rotunda.





Maio, 10

Avenida Rainha D^a Amélia, 20H00





A tia Constantina observava, com ar preocupado, aquela coisa lá no alto dos céus que parecia ter vindo anunciar o fim do mundo. Desde há alguns dias que se interessava mais pelo cometa Halley do que pelas pessoas que, àquela hora, costumavam passar junto da sua janela. É claro que havia uma pessoa especial, uma pessoa muito mais importante do que o cometa, e que naquele momento se aproximava da janela.

— Boa noite, tia Constantina. Então, a ver o cometa, hem?

Era o guarda Pimentel, membro da Guarda Municipal havia quase trinta anos e que fazia a sua costumeira ronda pela Avenida Rainha D^a Amélia. Pertencia ao imaginário da tia Constantina, que, desde que viera de Loulé para Lisboa, tinha uma paixãozinha secreta por ele, sempre todo muito apumado naquele belo uniforme militar. No Algarve não havia homens como aquele, considerava ela.

— Boa noite, sr. Pimentel — respondeu, sem tentar disfarçar o prazer que lhe dava aquele momento repetido há tantos anos. E acrescentou:

— É verdade, aquela coisa parece não querer ir embora. Não há-de ir sem causar grande desgraça, acredite no que lhe digo.

Apetecia-lhe responder com um sorriso, ao guarda Pimentel, mas até ele estava assustado com aquele astro esquisito que vinha rasgando o céu desde meados de Abril e cuja cauda, dizia-se, iria engolir a Terra. Alguma coisa haveria de acontecer, e não seria coisa boa, certamente. Mas respondeu:

— Deixe lá, tia Constantina. Aquele cometa já por cá passou muitas vezes e nunca fez mal nenhum. Olhe, até há quem diga que a estrela que guiou os Reis Magos a adorarem o Menino era este cometa.

A tia Constantina sorriu. Era uma das coisas que mais admirava naquele belo homem, aquela capacidade de dizer que tudo está bem quando tudo parece mal.

O guarda Pimentel afastou-se, sorrindo, e lá foi continuando a sua ronda ao longo da avenida, enquanto a tia Constantina deixava escapar um sorriso e se abanava com o leque para apagar o fogo que aquele homem lhe provocava. Era sempre assim...

Para o guarda Pimentel, a vida já vinha sendo madrasta mesmo sem o cometa. Enviuvara por altura do regicídio, dois anos antes, e ficara com dois filhos entre mãos que não conseguia controlar. Ele, de nome Humberto, já com vinte e dois anos e prestando servi-

ço militar no Regimento de Infantaria 16, em Campo de Ourique, era a figura chapada do avô, seu pai: alto, bem parecido, todo sorridente, levava a vida na brincadeira, nunca mais se tornava homem. Não percebia nada de política, mas era capaz de passar o jantar a defender os republicanos, só para se meter com o pai – ou a defender os monárquicos, para se meter com a irmã. Ela, de nome Vitória, andava pelos dezasseis anos e era lavadeira. E, vá lá saber-se porquê, republicana até mais não. Nunca o guarda Pimentel manifestara quaisquer ideias republicanas, em casa ou onde quer que fosse, antes pelo contrário. Da sua boca só saíam palavras de apoio ao senhor D.Manuel e à Monarquia. E a moça era aquilo que se via. Devia ser obra daquela maldita Fonte Santa, que, segundo lhe diziam, era um autêntico ninho de cobras republicanas. Mas que podia ele fazer? Bater-lhe com o cinturão? Ora, quantas vezes não fizera ele já isso. As vergonhas que tinha de passar por causa da moça...

E lá ia seguindo a sua ronda, olhando mais uma vez para o céu e perguntando a si próprio se o cometa não poderia deitar cá para baixo um pozinho mágico que o ajudasse a resolver os seus problemas.



Agosto, 16

Rua Alexandre Herculano, 19H45





O entardecer parecia saído dos confins do inferno, abafado e com o pôr-do-sol em fogo, àquela hora em que Amadeu Santana, alfaiate de profissão e monárquico de coração, saía de casa. Por estranho que pareça, ia participar em mais uma das reuniões promovidas pela Carbonária para deitar abaixo a Monarquia. Sim, era monárquico de coração, o alfaiate Santana, mas não era estúpido como a maioria dos monárquicos que conhecia. Como o seu vizinho Zacarias, que se dizia muito monárquico, muito monárquico, mas não fazia nada pela Monarquia. Deixava-se ir na corrente, simplesmente.

Ele não. Ele sabia que o movimento revolucionário estava em marcha e não servia de nada enterrar a cabeça na areia como a avestruz. Mas também sabia que a forma mais eficaz de o combater seria miná-lo por dentro. Era necessário participar no movimento, fingir

que se estava por ele, e depois ir boicotando tudo o que se pudesse. Se os outros monárquicos fizessem o mesmo, os republicanos acabariam por desistir.

Amadeu Santana tornara-se monárquico convicto a partir do regicídio, que vitimara o rei D.Carlos e o príncipe herdeiro D.Luís. Muita gente se passou para a Monarquia nessa altura. Considerava ele que um regime que começa por um duplo assassinio não pode trazer nada de bom ao país, pelo que, sem nunca o ter dito a ninguém, abraçou a causa monárquica e jurou a si próprio, sobre a imagem do rei morto, que tudo faria para impedir que D.Manuel, o sobrevivente, tivesse o mesmo destino que o pai e o irmão.

E foi desta maneira que conseguiu infiltrar-se no Congresso de Setúbal do Partido Republicano, em Abril do ano anterior, no qual fora tomada a decisão de derrubar a Monarquia pela força. “Só passando por cima do meu cadáver!”, dizia ele de si para si. João Chagas e o almirante Cândido dos Reis eram as principais figuras a abater, pois pareciam apostados em fazer a revolução todos os dias. Para eles só era preciso avançar, o resto aconteceria por si (diziam, até, que a revolução se faria pelo telégrafo no resto do país...). Outros, mais cautelosos, lembravam o que acontecera no 28 de Janeiro de 1908, em que um regimento, Infantaria 16, saiu para a rua com a promessa de fazer a revolução e acabou a defender a Monarquia. Era preciso prudência, diziam. Bernardino Machado era o principal defensor desta li-

nha, pelo que o alfaiate Santana acreditava que deste não viria qualquer perigo.

Estava confiante no esgotamento dos republicanos, apesar do descontentamento que grassava por todo o lado contra a Monarquia. Cândido dos Reis, o comandante das forças republicanas, havia apontado a revolução para o dia 16 de Julho, mas a desunião entre os *primos* carbonários e o Partido levou a que o movimento não saísse para a rua, como já acontecera em outras tentativas anteriores. Não foi necessária qualquer intervenção do alfaiate, que começava a acreditar que os republicanos nunca conseguiriam unir-se para levar a revolução por diante.

Percebeu que estava enganado quando, no mês seguinte, se confirmava a adesão de vários quartéis a novo movimento, este agora marcado para 19 de Agosto. Eram quartéis de Infantaria, Artilharia, Engenharia e Caçadores. Nunca se falara em tantos efectivos como dessa vez. Era preciso fazer alguma coisa, finalmente. E Amadeu Santana fê-lo.

Na véspera do dia marcado para a revolução, Amadeu Santana vestiu o seu melhor fato domingueiro e, com passo decidido, encaminhou-se para o Ministério do Reino, no Terreiro do Paço. À porta, garantiu que tinha notícias vitais para o país e que precisava falar com o senhor ministro Teixeira de Sousa, que era também o chefe do governo. Meia hora de conversa bastou para convencer o ministro, que saiu do ministério a toda a pressa e se dirigiu de carruagem ao Quartel-General, de onde foi dada ordem de preven-

ção rigorosa a todas as unidades, bem como aos barcos de guerra surtos no Tejo. A polícia saiu para as ruas em patrulhas dobradas, espalhando-se por toda a cidade.

A revolução não teve hipótese. Adiada de novo, naturalmente. À noite em casa, o alfaiate Santana percebeu que o seu papel poderia ser determinante no desfecho dos acontecimentos. Os republicanos que se cuidassem.

Outubro, 2

Largo de S.Carlos, 20H00





Aos Domingos, Alcídio passava uma boa parte da tarde na taberna do João Caruma, ali na Calçada do Duque, perto de sua casa. A jogar dominó e a falar mal do rei. As suas mãos, apesar de hábeis com as peças do jogo, não enganavam quanto à profissão. Alcídio era um rapaz de dezoito anos que malhava no cobre e no latão desde os dez. Era latoeiro, com muito gosto. Os parceiros do jogo achavam-lhe graça, mas não o levavam muito a sério. Achavam-no corajoso, acima de tudo.

— Não tens medo que algum *talassa* te denuncie? Desses que aparecem aí pela calada? — perguntava-lhe o Gregório, o mais velho do grupo e o único que tinha assistido pessoalmente ao regicídio. Não era nem monárquico nem republicano, o velho Gregório, estava por acaso no Terreiro do Paço naquele dia em que a família real regressava de Vila Viçosa — e catrapuz, lá

se foram o rei e o príncipe, vergados pelas balas do Buíça e do Costa.

— Medo? Eu tenho lá medo dessa canalha? Tivesse eu uma arma e haverias de ver como é que a Monarquia acabava. Nem percebo do que é que os republicanos estão à espera.

Os outros riram-se com estes desabafos pseudo-republicanos. Sabiam que, se lhe metessem uma arma nas mãos, o moço até se borraría nas calças.

— Pois sim, Alcídio, pois sim. Joga mas é lá esse terno que já tens aqui quem ganhou.

Alcídio não sabia, e não podia saber porque não fazia parte do grupo de conspiradores, que ali perto, no Largo de S.Carlos, à mesma hora a que jogava o seu terno e entregava o jogo, se iniciava uma reunião que iria tomar todas as decisões que faltava tomar. A Monarquia estava mesmo por um fio.

Na Comissão de Resistência do Centro de S.Carlos ultimavam-se os preparativos e marcava-se a data definitiva da revolução: 4 de Outubro, uma hora da madrugada. Dali a menos de dois dias. Depois de várias reuniões e sucessivos adiamentos, a vontade do almirante Cândido dos Reis impôs-se: a revolução teria que se fazer naquela data.

Tudo estava organizado ao pormenor, pelo menos assim se pensava. O Dr.Miguel Bombarda comandaria um grupo de civis que tomaria o quartel de Artilharia 1; Cândido dos Reis embarcaria a bordo do cruzador “D.Carlos” para dirigir as operações navais

(bombardeamento do Palácio das Necessidades e prisão do rei); o comissário naval Machado Santos levaria um grupo de *carbonários* a tomar Infantaria 16; os quartéis de Engenharia, Caçadores 5 e Infantaria 5 controlariam o Rossio e impediriam a saída da Guarda Municipal. Contava-se com o apoio de inúmeros oficiais em todos estes quartéis.

Se o jovem Alcídio, a jogar dominó a curta distância da reunião, estivesse ao corrente destes preparativos, certamente que teria atirado as peças ao ar e partido em busca de uma arma, algures, para dar o seu contributo à revolução. Não teria tido essa reacção, no entanto, se adivinhasse que todo este plano iria por água abaixo nas próximas horas — ressaltando um pequeno pormenor que fez toda a diferença: a bravura de Machado Santos e de um grupo de sargentos que ficou ao seu lado.

Quando saiu da taberna, lá para as onze horas da noite, Alcídio passou por algumas pessoas que seguiam na direcção oposta, com passo apressado. Falavam baixinho e calaram-se quando passaram por ele. Alcídio estava um pouco toldado pela força do tinto que emborcara ao longo da tarde, mas conseguiu ter discernimento para perceber que ali havia marosca. Ninguém se cala ao passar por terceiros se não tiver nada a esconder. E não era gente daquelas bandas, sequer. O que andariam a tramar?

